

Discurso da Abertura Solene das Aulas 2013/2014

10 de Outubro de 2013

1- A vivência universitária é convivência. De professores e alunos, primeiro, no que se designa hoje em dia por processo de ensino e aprendizagem, de funcionários com professores e alunos numa relação de apoio e suporte às actividades de ensino, avaliação e investigação, de professores com professores e alunos de pós-graduação em projectos de investigação, de alunos com alunos em actividades de estudo e de trabalhos em grupo. É desta convivência que hoje pretendo falar, do seu espírito e da suas formas e, também, das suas regras.

No centro da vida e da convivência académica estão as aulas. O ano lectivo é marcado pelo começo e pelo fim das aulas, os horários das aulas marcam a vida diária e semanal de docentes e alunos, nas aulas desenvolve-se o programa das disciplinas constituintes do currículo, concretizando a transmissão continuada de um saber estruturado.

Não é demais realçar a importância das aulas. Essa é a convivência que verdadeiramente institui qualquer escola, incluindo a universidade. É aí que o professor é verdadeiramente professor e o aluno verdadeiramente aluno. E isso em qualquer modalidade de aula, seja ela expositiva, em que o professor apresenta de forma sistemática a matéria, e em que aula pode ser um anfiteatro pejado de alunos, ou um seminário, com um dúzia de alunos à volta de uma mesa com o professor para em conjunto analisar um texto, escarpelizar um tema, debater um problema, ou um laboratório para conduzir uma experiência. A fascinação de uma aula bem dada e bem compreendida é

uma vivência que deve fazer parte da vida de qualquer universitário, de professores e alunos.

A convivência de professores e alunos nas aulas, mesmo que descontraída e informal, deve ser feita num ambiente de grande exigência. De facto, a transmissão de conhecimentos científicos exige disciplina de quem ensina e de quem aprende. O ensino não se esgota na exposição professoral da matéria, mas não dispensa essa exposição. Cabe ao professor introduzir os alunos numa área científica, e de o fazer com rigor e método. A exposição supõe um compromisso de docente e discentes, de que há um trabalho prévio do docente na preparação da exposição e uma vontade de aclaração posterior por parte dos discentes mediante a colocação de dúvidas e de questões. Se não houver o momento da exposição, os alunos correm o risco de se perderem, de não obterem uma visão de conjunto, de não entrarem no âmago das questões e de ficarem apenas com um conhecimento fragmentado e superficial. A preparação das aulas é tarefa e dever prioritário do docente.

Mas a convivência de professores e alunos, a que agora também se designa por horas de contacto, não pode cingir-se às aulas. O atendimento aos alunos em horas estipuladas é uma obrigação e a convivência informal dentro e fora dos espaços da universidade é uma devoção própria do espírito universitário de personalização das relações humanas. Os bares, as cantinas, e demais espaços comuns da universidade são importantes espaços de convivência de toda a comunidade académica, englobando alunos, professores e funcionários. Mal vai uma universidade quando docentes e discentes se comportam como desconhecidos unidos apenas por um contrato de ensino e

avaliação dentro dos tempos e dos espaços das aulas. A relação de mestre e discípulo dentro da universidade, e que caracteriza escolas de pensamento e de investigação nas melhores universidades do mundo, só é possível por uma convivência personalizada entre professores e alunos. Da minha experiência universitária na Alemanha e nos Estados Unidos, o habitual é no fim dos seminários de doutoramento, professor e alunos irem em conjunto beber um copo. Pode isto parecer a alguns apenas uma idiossincrasia desta ou daquela cultura, mas acho que não. Isso revela a necessária e imprescindível personalização da convivência universitária. Quero com isto dizer que para uma efectiva formação humana e científica dentro da universidade é preciso conhecer as pessoas envolvidas, tanto professores como alunos. Anónimos ensinando anónimos só pode resultar num processo formalista de ensino/aprendizagem, sem alma e sem brio, e que nunca alcançará a excelência. É importante que professores e alunos se conheçam pelo nome. Muito mais importante que o programa da disciplina que se ensina são os alunos que o aprendem. Ora só uma personalização das relações entre professor e alunos permitirá que sejam os alunos o princípio e o fim da leccionação do docente. O objectivo do professor será que os alunos aprendam e assimilem os conhecimentos do programa, porque o programa existe para os alunos e não os alunos para o programa. Considero errado que um docente se preocupe apenas em leccionar um programa de forma cabal, sem atender à aprendizagem dos estudantes. Se os alunos chegam mal preparados à disciplina em causa, então a primeira tarefa do professor tem de ser prepará-los melhor, o necessário e suficiente para poder introduzir e desenvolver o programa da disciplina. Claro que isso deve ser feito num ambiente de

exigência, mas também de envolvimento e compromisso com os alunos. Uma forte personalização do ensino e da aprendizagem será o melhor antídoto para os casos em que os chumbos são a regra e não a exceção. Estou convencido de que os alunos se sentirão muito mais motivados ao estudo se houver uma relação personalizada com o docente.

Uma das características da UBI é a sua dimensão humana numa pequena cidade que lhe permite oferecer um ensino de proximidade, personalizado e marcado pela informalidade de relações. Uma sábia exploração desta característica tornar-se-á uma marca distintiva e uma vantagem face às universidades maiores dos centros urbanos, onde é muito mais difícil estabelecer relações personalizadas. Devemos cultivar a proximidade do ensino e a personalização das relações personalizadas entre docentes e discentes. Aqui na Covilhã é possível criar um ambiente universitário extensivo a toda a cidade, onde os alunos se encontrem imersos as 24 horas do dia, coisa que em Lisboa ou Porto é impossível. E isso fará toda a diferença. Lembro que as eminentes universidades anglo-saxónicas têm nos *colleges*, onde os alunos vivem e estudam, esse ambiente de imersão total.

2- A chama do conhecimento tem muito de parecido com a chama de uma lareira. Se compararmos uma mente a uma acha, então sabemos que não podemos obter uma grande chama se estiver só. Não é possível ter uma lareira acesa apenas com uma acha. Com uma acha apenas o lume extingue-se. Se juntarmos duas achas, conseguiremos que a lareira se mantenha acesa, mas nunca teremos uma grande fogueira. Esta será tanto maior quantos mais achas juntarmos. A chama e o calor de cada

uma potencia a chama e o calor das outras. Mas se as achas forem afastadas umas das outras então cada uma apagar-se-á. O fogo será tanto mais intenso quanto mais juntas estiverem as achas, de preferência sobrepostas. Ora esta teoria bem simples das achas e do fogo aplica-se às mentes e ao conhecimento, ao estudo, à aprendizagem e à investigação.

Uma mente isolada, por mais potencialidades que tenha, definhará. Se não ler o que outros escreveram, se não analisar e debater com outras mentes os pensamentos próprios e alheios, se não for espevitada, então ficará fechada nos seus limites e nunca poderá dar uma chama luminosa. Isso é patente em processos de aprendizagem e de investigação científica. Por exemplo, é muito melhor aprender um programa de informática num contexto de turma do que individualmente. As dificuldades que cada um sente são também as dificuldades dos outros e a forma como se resolve um problema é facilmente ensinável. É mais fácil, mais rápido, mais profícuo aprender em grupo do que sozinho. E vai-se muito mais longe na aprendizagem. Pergunta-se ao vizinho do lado, trocam-se dicas, aprende-se a mexer, pode-se fazer assim, e pode-se fazer também daquela maneira, discute-se qual a melhor, quais as vantagens de uma e de outra, pedem-se explicações de porquê assim e não de outra forma. Em ambientes calorosos de aprendizagem todas as questões parecem ter uma resposta. Pode alguma ser mais difícil, demorar mais tempo, mas o importante é a crença de que há uma resposta e de que alguém lá chegará e depois de lá chegar a partilhará com todos os outros. Tal como para um bom fogo são precisas não só múltiplas achas, mas também a envolvência de uma lareira, dotada de uma boa circulação de ar, assim

também para um ambiente de aprendizagem ou de investigação são precisas mentes e mais mentes num ambiente propício ao intercâmbio de ideias. No Brasil é muito conhecida a definição de universidade dada por Zeferino Vaz, o fundador e reitor da Universidade de Campinas. Quando questionado sobre os cinco elementos mais importantes para construir uma Universidade, respondeu: "1. Cérebros. 2. Cérebros. 3. Cérebros. 4. Prédios. 5. Biblioteca".

3- A noção de massa crítica tão em voga nas políticas de formação e avaliação de grupos de unidades de I&D não se distancia assim tanto da singela teoria das achas atrás exposta. Em física atómica, massa crítica designa a quantidade necessária de matéria fissionável para manter e auto-sustentar uma reacção nuclear em cadeia, e, em dinâmica social, significa o número suficiente de indivíduos a adoptar uma inovação num sistema social de modo a que a taxa de adopção se torne auto-sustentada e leve a um aumento posterior. Ou seja, massa crítica implica duas coisas: um número suficiente de elementos para que se dê determinado fenómeno, e esse fenómeno não seja apenas episódico, mas auto-sustentado.

Sabemos que um grupo de investigação precisa de elementos suficientes para se manter, reproduzir e reforçar. Se não houver elementos suficientes, o grupo perde força e acaba por se extinguir. Mas o conceito de massa crítica depende da definição do ponto crítico e este depende por sua vez de vários factores como o material, a forma, a temperatura e a densidade, entre outros. Com as achas passa-se de alguma forma o mesmo. Uma lareira bem acesa é uma lareira em que basta ir juntando de vez em quando mais um cavaco para se manter

acesa, ao passo que um incêndio é um fogo que escapa ao controlo de quem o ateou e se passa a auto-sustentar.

Os grupos de investigação precisam de elementos suficientes para criarem um ambiente capaz de elaborar projectos de investigação, de os submeter a concursos competitivos, de ganhar e de os executar, precisam de elementos suficientes para constituir programas de doutoramento sólidos e, assim, atrair jovens doutorandos, que, uma vez doutorados, integrem a equipa de investigadores integrados.

Mas, muito mais importante do que o número de investigadores de uma unidade de I&D é a convivência que se estabelece entre eles. Se forem como achas separadas, de pouco valerá o seu número. Cada um a trabalhar para seu lado, sem capacidade ou vontade para trabalhar em conjunto, impossibilita qualquer reforço recíproco ou potenciação do trabalho individual. O princípio morfológico da teoria da Gestalt, de que o todo é maior que a soma das partes, supõe obviamente que há uma unidade entre as partes. Quanto mais em sintonia trabalharem as partes tanto mais o todo suplantará o somatório dos trabalhos individuais.

Não podendo nós na UBI concorrer em número com outras universidades bem maiores, podemos e devemos desenvolver o espírito de grupo, reforçar a convivência e a coesão entre os seus membros e, assim, potenciar ao máximo a capacidade e a produtividade do grupo.

4- A convivência académica pressupõe muito estudo. Com efeito, essa convivência caracteriza-se por ser de ensinar, aprender e falar de ciência; o que não se faz sem um estudo exigente e continuado. O

conhecimento científico é complexo, difícil e a sua cabal compreensão requer um esforço de concentração da atenção por largos períodos de tempo. Desvalorizar o estudo como empinango ou marrango é demagogia de quem embarca em tendências infantilizadoras da educação, da universidade e até da sociedade, julgando que se pode aprender a brincar, e que tudo pode ter uma versão *light*. O estudo é, por um lado, trabalho intelectual, árduo e disciplinado, e, por outro lado, capacidade que se aprende e se treina com exercícios continuados. Mas o seu valor não resulta apenas na aprendizagem das matérias estudadas; a capacidade de estudo é um enriquecimento pessoal e faz parte da formação humana prosseguida pela universidade. Nada substitui o estudo sério e é por isso que uma boa universidade é necessariamente uma universidade de muito estudo.

Ou seja, a convivência na universidade é constituída por modalidades assaz distintas: a exposição falada, a pergunta e resposta na aula, o atendimento no gabinete, o silêncio da biblioteca, a conversa animada à mesa de uma cantina ou de um bar. Os espaços da universidade têm regras próprias e diferenciadas de uso. Não se está numa sala de aula ou numa biblioteca como se está num bar. Os espaços, e os seus tempos, têm funções diferentes e têm, por isso, de ser vivenciados de forma diferente. À semelhança de uma casa de habitação, dividida em espaços distintos consoante a função primeira de estar, cozinhar, dormir, assim na universidade a divisão dos espaços cumpre as diferentes modalidades necessárias à vida académica: leccionar, debater, estudar, experimentar, conversar.

Na vivência e convivência universitárias a biblioteca tem um papel central. Pode parecer estranho como é que o silêncio que deve imperar

numa biblioteca se compagina com a noção de convivência acadêmica. Mas não só se compagina, como é parte essencial dessa convivência. A convivência vai muito além de palavras ditas e pronunciadas. Pela experiência e pela psicologia humana sabemos que uma sala de leitura, cheia de gente e mergulhada em silêncio, é um dos maiores estímulos a um estudo concentrado e longo. É que não se pode confundir silêncio com isolamento. As pessoas precisam de motivações e a presença de outros, a sua companhia silenciosa, é uma motivação forte para fazer como elas. Com certeza que há outros espaços dentro e fora da universidade que oferecem tanto ou mais silêncio que uma biblioteca, mas ali temos um silêncio acompanhado. Ir estudar para uma biblioteca é meio caminho andado para quem quer de facto estudar.

Uma das marcas diferenciadoras dos diferentes graus de ensino consiste justamente na progressiva importância das bibliotecas para a formação dos alunos, os quais vão adquirindo mais autonomia de estudo e, por isso, necessitam novas fontes de conhecimento. O momento mais alto deste processo e dessa necessidade atinge-se na investigação universitária. Por isso, o recurso a espécimes físicos e *online* é absolutamente vital em qualquer universidade. Mas tão ou mais importante que os vários espólios e tipos de documentos nelas conservados e hoje disponibilizados de diversas formas, é todo o ambiente que as caracteriza, o modo como os alunos aí se iniciam progressivamente na *atitude universitária* perante o saber; é a feição com que interiorizam e tornam seus valores e ritmos do trabalho intelectual e da investigação científica de alto nível; é a maneira como todos os seus membros (docentes, estudantes, funcionários, visitantes, leitores em geral, etc.) cultivam e cuidam desse ambiente de estudo,

individual e em grupo, não contemporizando com factores de distração, mormente o ruído.

Tenho pugnado sempre na UBI por uma vivência forte de biblioteca. Agora como reitor tenho a oportunidade de reforçar esse combate. Nomeei um professor bibliotecário para superintender as bibliotecas da UBI, o Prof. José Rosa. Far-se-á um regulamento da Biblioteca e instalar-se-ão torniquetes de entrada e saída das salas de leitura, como ocorre em outras bibliotecas universitárias. O intuito é o de criar um ambiente de estudo atractivo para todos os que pretendam estudar. Se em universidades de grande qualidade, as bibliotecas estão cheias, mesmo ao sábado e ao Domingo, não vejo porque não há-de acontecer o mesmo na UBI. Depende só de nós, da exigência para connosco e do brio que temos no nosso trabalho enquanto académicos.

5- Uma comunidade universitária quer-se viva e vibrante. O que só é possível com a presença das pessoas num ambiente de franca convivência. Não pode haver vida se os espaços estiverem vazios, se a vinda à universidade é apenas para cumprir os mínimos. Se não houver presença, também não há comunidade. A lei da atracção dos corpos também se aplica às pessoas. Gente atrai gente e o vazio provoca mais vazio. Há que fomentar, assim, a presença de estudantes e professores nos espaços comuns, nomeadamente bibliotecas e bares.

Obviamente não é por decreto que professores e alunos terão uma presença mais assídua na universidade. O ambiente universitário é informal, e é bom que o seja. A UBI deve ambicionar ser uma universidade 24 horas por dia, sete dias por semana; ser uma universidade plena e total, em que às obrigações das aulas se juntem as

devoções do estudo noturno, os ensaios das tunas e dos grupos de teatro.

A UBI terá uma vida vibrante na medida em que grupos de alunos e de professores desenvolvam iniciativas próprias, na medida em que haja uma riqueza plural e diversa de actividades no seio da universidade. Para que a UBI seja um alfobre de criatividade e um habitat natural de inovação tem de combater burocracias que inibem e abafam iniciativas. O ambiente universitário é a pedra chave na vivência universitária. É que a universidade não é apenas um local de estudo e de aprendizagens formais, mas também uma convivência em que muito do que se aprende é adquirido informalmente e por osmose. Sim, convivendo com quem partilha o mesmo desejo de saber mais, de aprender e ensinar, adquire-se saber, mesmo sem dar conta disso. É essa a vivência que ambicionamos para a UBI, que nem nela estuda e trabalha respire saber e, dessa forma, obtenha uma melhor formação tecnológica, científica, cultural e humana.

A todos agradeço a atenção prestada. Tenho dito.